

Os pronomes clíticos em contextos infinitivos no português antigo

Old Portuguese clitic pronouns in infinitive contexts

Sandra Pereira

Faculdade de Letras, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

sandra.pereira@campus.ul.pt

Recibido o 09/04/2018

Aceptado o 21/10/2018

Resumo

O fenómeno da subida do clítico é amplamente referido na literatura como uma propriedade dos complexos verbais seja na construção de reestruturação (Rizzi 1982) seja na construção *Fazer-Inf* (Kayne 1975). Através de um estudo quantitativo a partir de três textos literários, este trabalho tem como objetivo descrever a colocação dos pronomes clíticos em português antigo. São inspecionados dois contextos específicos: i) complexos verbais de reestruturação (para identificar quais os verbos que a permitiam em português antigo) e ii) orações de infinitivo simples e flexionado preposicionadas (para verificar se a preposição é determinante para a posição do clítico, partindo das assunções feitas por Martins 1994 de que, ao longo do século XIII e na primeira metade do XIV, havia instabilidade no padrão de colocação dos pronomes clíticos). No final, verificar-se-á que o padrão de colocação dos pronomes clíticos nas orações de infinitivo simples introduzidas por preposição contribui para a clarificação da fidelidade das cópias tardias de dois textos originais do século XIII.

Palavra chave

Subida do clítico; construção de reestruturação; orações infinitivas preposicionadas; português antigo

Sumario

1. Introdução. 2. Metodologia. 2.1. O corpus. 2.2. Dados excluídos. 2.2.1. Grafia do editor. 2.2.2. Duplicação do clítico. 2.2.3. Casos de coordenação. 2.2.4. Verbos causativos e perceptivos. 3. Os dados considerados. 3.1. Complexos verbais. 3.2. Orações infinitivas preposicionadas. 3.2.1. Infinitivo simples. 3.2.1.1. Introduzidas por *a*. 3.2.1.2. Introduzidas por *de*. 3.2.1.3. Introduzidas por *em*. 3.2.1.4. Introduzidas por *para*. 3.2.1.5. Introduzidas por *por*. 3.2.1.6. Introduzidas por *sem*. 3.2.2. Infinitivo flexionado. 4. Considerações finais.

Abstract

The clitic raising phenomenon is broadly referred to in the literature as a property of verbal complexes, found not only in the restructuring construction (Rizzi 1982) but also in the *Fazer-Inf* construction (Kayne 1975). Through a quantitative study from three literary texts, the current study aims to describe the placement of clitic pronouns in Old Portuguese. Two specific contexts are analysed: i) verbal complexes of restructuring (in order to identify which verbs allowed it in Old Portuguese) and ii) prepositional infinitival clauses with simple and inflected infinitive (in order to verify whether the preposition is relevant for the position of the clitic, taking into account the assumptions made by Martins 1994 that, throughout the thirteenth century and the first half of the fourteenth century, there was instability in the clitic pronouns placement pattern). In the conclusion, it will be seen that the placement pattern of clitic pronouns in the simple infinitive clauses introduced by a preposition contributes to the clarification of fidelity of the late copies of two 13th century original texts.

Keywords

Clitic climbing; restructuring construction; prepositional infinitival clauses; Old Portuguese

Contents

1. Introduction. 2. Methodology. 2.1. Corpus. 2.2. Excluded data. 2.2.1. Editor's spelling. 2.2.2. Clitic duplication. 2.2.3. Coordination cases. 2.2.4. Causative and perception verbs. 3. The considered data. 3.1. Verbal complexes. 3.2. Prepositional infinitival clauses. 3.2.1. Impersonal infinitive. 3.2.1.1. Introduced by *a*. 3.2.1.2. Introduced by *de*. 3.2.1.3. Introduced by *em*. 3.2.1.4. Introduced by *para*. 3.2.1.5. Introduced by *por*. 3.2.1.6. Introduced by *sem*. 3.2.2. Personal infinitive. 4. Final considerations.

1. Introdução

UM dos objetivos deste trabalho é descrever, do ponto de vista linguístico, o padrão de colocação dos pronomes clíticos em dois contextos: i) em complexos verbais que permitem a construção de reestruturação (cf. Gonçalves 1999) e ii) em orações de infinitivo introduzidas por preposição no português antigo (daqui em diante, PA)¹.

A elevação do pronome clítico para o domínio finito mostra que o complemento infinitivo selecionado por determinados verbos é transparente para certas operações sintáticas. Vejam-se os exemplos em (1):

(1a) A mãe foi-*a* buscar à escola. » *subida do clítico*

(1b) A mãe foi buscá-*la* à escola. » *não subida do clítico*

Em (1a), o pronome acusativo, que é complemento de *buscar*, juntou-se ao verbo finito enquanto em (1b) se manteve junto ao verbo do qual depende. A este movimento do pronome para junto do verbo do domínio superior chama-se subida do clítico (cf. Martins 1994; Mateus *et al.* 2003, entre muitos outros). Os predicados complexos envolvidos neste tipo de fenómeno podem ser de dois tipos: reestruturação (cf. Rizzi 1982) ou construção de União de Orações (ou *Fazer-Inf*, cf. Kayne 1975). Estas construções têm características diferentes e, no âmbito deste trabalho, será apenas considerada a construção de reestruturação².

De acordo com Martins (1994, 2016b: 419), a subida do clítico era um fenómeno generalizado em português até ao século XVI, altura em que a ocorrência do clítico junto ao verbo infinitivo se vai tornando mais frequente. Assim, espera-se que, sendo anteriores ao século XVI, os dados do corpus considerado para este estudo reforcem essa generalização³.

A preposição que introduz a oração infinitiva parece ter alguma influência na posição do pronome átono no que aos complexos verbais diz respeito mas também nos casos em que não há evidência para considerar que houve a formação de um

1. Cf. Martins (2016a: 12) para periodização da história da língua portuguesa. Segundo esta autora, o período do Português Antigo vai até ao final do séc. XIV.

2. Entre outras propriedades (cf. Gonçalves 1999), a construção de União de Orações distingue-se da construção de reestruturação por:

Sofrer uma alteração na ordem dos constituintes do domínio infinitivo (relacionada com a redefinição de funções sintáticas);

Não poder ocorrer na forma passiva;

Não apresentar restrições quanto à natureza do clítico.

Cf. também Gonçalves *et al.* (2016: 535-536).

3. O português segue a tendência das outras línguas românicas que, ao longo da sua história, vão diminuindo os valores de subida do clítico, tornando-se este fenómeno facultativo ou mesmo inexistente (como é o caso atualmente do francês, cf. Wanner 1987: 299).

predicado complexo, ou seja, em orações infinitivas introduzidas por preposição (cf. (3a) e (3b)).

(2a) O Pedro começou-*a* a ler na semana passada.

(2b) O Pedro começou a lê-*la* na semana passada.

(3a) Trabalhei por *me* ir embora cedo para não apanhar trânsito. » *prep-CL-Inf*
(*próclise*)

(3b) Trabalhei por ir-*me* embora cedo para não apanhar trânsito. » *prep-Inf-CL*
(*ênclise*)

Estas questões foram já abordadas por Martins (1994) num estudo que analisava textos notariais do PA e por Fiéis e Madeira (2012), entre outros. Foram igualmente estudadas para o português europeu contemporâneo por autores como Gonçalves (1999), Magro (2005) e Barbosa *et al.* (2017), citando apenas alguns.

Os textos selecionados para este estudo foram *O Livro de José de Arimateia* (daqui em diante, *Arimateia*), a *Demanda do Santo Graal* (*Demanda*, daqui em diante) e *A Crónica Geral de Espanha de 1344* (*Crónica*)⁴. Sabendo que este data do século XIV, os dois primeiros, sendo cópias tardias de um original do século XII, apresentam outros desafios.

O *Arimateia* e a *Demanda* são dois textos do ciclo arturiano traduzidos para português no século XIII (*Post-Vulgata*), que chegaram até nós através de cópias tardias com cronologias distintas: a *Demanda* através de uma cópia quatrocentista e o *Arimateia* através de uma cópia mais tardia, quinhentista. Nas palavras de Martins (2013): “podemos admitir que tanto no caso do *José de Arimateia* como no da *Demanda* temos hoje acesso a manuscritos que embora tardios relativamente à data da tradução, foram produzidos a partir de exemplares que representariam bem o texto português primitivo”⁵. No entanto, “o estrato duocentista é menos nítido no *José de Arimateia*” já que parece ter havido uma intenção clara de eliminar formas consideradas antigas (cf. Martins 2013 para a comparação entre as duas cópias – do *Arimateia* e da *Demanda* – feitas em séculos diferentes e o estudo de distintos estratos linguísticos). Será interessante perceber se, à luz das questões inspecionadas ao longo deste trabalho, essa intenção dos copistas do *Arimateia* é também evidenciada ao nível da sintaxe, no que diz respeito especificamente à subida do clítico e à posição do pronome em orações infinitivas preposicionadas.

4. Na identificação dos exemplos ao longo do texto será usada a seguinte codificação: JAR para o *Arimateia*, DSG para a *Demanda* e CGE para a *Crónica*. Essa codificação contém a identificação de cada frase anotada e é gerada automaticamente no processo de anotação, mantendo-se nas extracções efetuadas que constituem os exemplos ao longo do texto.

5. Daí considerar-se que se trata de textos do português antigo (cf. nota 1).

É também, portanto, objetivo deste trabalho, contribuir, do ponto de vista filológico, para a clarificação da fidelidade das cópias (relativamente ao original) do Arimateia e da Demanda (cf. Martins 2013). Uma vez que a subida do clítico foi generalizada e constante até ao séc. XVI, não é expectável que este fenómeno aponte pistas para o grau de fidelização das cópias, cujas datas (do original e da cópia) se encontram abrangidas por este período. Contrariamente, e de acordo com as assunções de Martins (1994; 2016b), em orações infinitivas preposicionadas, com determinadas preposições verifica-se alguma mudança a partir de meados do século XIV pelo que se espera que a posição do pronome clítico nestas orações possa sugerir uma aproximação ou um afastamento relativamente ao original duocentista, anterior à mudança assinalada pela autora.

O artigo está organizado da seguinte maneira: para além desta secção introdutória, na secção seguinte, são descritas algumas questões metodológicas que nortearam o trabalho (como o corpus selecionado e a pertinência de classificação e exclusão de alguns dados); seguidamente, na secção 3, serão apresentados os dados do corpus (sobre a subida do pronome nos complexos verbais e sobre a posição do pronome em orações infinitivas introduzidas por preposição); finalmente, na secção 4, serão feitas algumas considerações finais sobre os dados apresentados.

2. Metodologia

Algumas informações sobre o corpus usado no âmbito deste trabalho e sobre questões metodológicas são abordadas seguidamente.

2.1. O corpus

Como já foi dito, o corpus é composto por três textos literários do PA: o Arimateia, a Demanda e a Crónica.

A edição do Arimateia usada neste trabalho foi a de Castro (1984) e, no caso da Demanda, usou-se a transcrição de Neto (2012-1015). Os dois textos foram considerados na íntegra⁶, a partir da anotação levada a cabo no projeto *WOChWEL*⁷.

A Crónica é um texto do século XIV e a edição usada neste trabalho foi a edição digital preparada por Miranda (2013), a partir de Cintra (1951-1961). Foram con-

6. O número de palavras do Arimateia ronda as 142 mil e a Demanda tem cerca de 216 mil palavras.

7. O projeto *WOChWEL* (*Word Order and Word Order Change in Western European Languages*) decorreu no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa de 2012 a 2015. Mais informações em: <http://alfclul.clul.ul.pt/wochwell/index.html>.

siderados apenas os capítulos 305 a 800, por terem sido estes os capítulos anotados e disponibilizados no âmbito do projeto *Arquídia*⁸.

O corpus considerado neste estudo, composto pelos três textos, *Arimateia* (integral), *Demanda* (integral) e *Crónica* (parcial), ultrapassa as 605 mil palavras. A extração dos dados que são analisados na secção seguinte foi feita a partir de uma versão dos textos anotada sintaticamente e com recurso a pesquisas que agilizaram todo o processo de seleção dos dados⁹.

No total e após seleção manual, foram consideradas 3532 ocorrências, extraídas a partir do *Arimateia*¹⁰, da *Demanda*¹¹ e da *Crónica*¹²:

- i. 2633 casos que envolvem verbos que permitem a formação da construção de reestruturação
- ii. 758 que envolvem orações de infinitivo simples introduzidas por preposição e
- iii. 141 ocorrências de orações de infinitivo flexionado introduzido por preposição.

Quer no caso dos verbos de reestruturação quer no caso das infinitivas preposicionadas não foram tidos em conta os diferentes contextos de colocação de clíticos¹³. Assim, interessa verificar se há ou não subida do clítico e se a preposição tem um papel relevante na colocação do pronome.

Importa aqui considerar alguns aspetos importantes na classificação dos dados. Em PA, os casos de subida do clítico eram predominantes (cf. (4)) havendo pontualmente contextos em que o clítico ficava junto ao verbo infinitivo (5):

(4) – Donzela, disse ele, ligeiramente *o podedes fazer*. (JAR111,.8)

8. O *Arquídia* (*Arquivo dialetal e diacrónico*) é um projeto em curso no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. A anotação de um texto medieval é um dos objetivos do projeto, tendo, para isso, sido selecionada uma parte da *Crónica* (essa parte selecionada tem quase 250 mil palavras).

9. O sistema de anotação sintática adotado codifica, entre outros fenómenos, fronteiras de constituintes, movimentos, categorias vazias e indexações, o que facilita a pesquisa de construções sintáticas. Para este trabalho, de modo simplificado, no caso da subida de clítico, pesquisou-se um domínio infinitivo com uma posição vazia coindexada com um pronome clítico no domínio finito; para o caso da não subida, procurou-se pelos contextos em que, podendo ter ocorrido a subida, o pronome se manteve no domínio infinitivo. No que às orações infinitivas preposicionadas diz respeito, a pesquisa incidiu sobre sintagmas preposicionais que dominassem orações infinitivas com um pronome átono antes ou depois do verbo infinitivo.

10. Disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/wochwell/documents/Jos%C3%A9%20Arimateia.psd> .

11. Disponível em: http://alfclul.clul.ul.pt/wochwell/documents/Demanda_Santo_Graal.psd .

12. Disponível em: http://alfclul.clul.ul.pt/wochwell/documents/CGE305_800.psd .

13. Será um trabalho a desenvolver no futuro e será interessante analisar se, em termos gerais, os resultados serão diferentes.

- (5) Disto foy o duque muy espantado e preguntara a Josefes que maravilha seria, se nom *cuydara de o anojar*. (JAR96,.21)

Para além destes casos de subida e não subida do pronome que não levantam problemas uma vez que é fácil identificar o domínio onde o clítico ocorre, exemplos como os que se seguem foram considerados, na linha de Martins (1994), como instâncias de subida do clítico. Assim, em (6), porque há a interpolação do verbo infinitivo entre o clítico e o verbo finito, fenómeno comum em PA, considera-se que o clítico subiu para o domínio finito; em (7) e (8), há a subida do verbo infinitivo e do clítico, assumindo-se que este se encontra igualmente no domínio superior.

- (6) Esto digo eu por mÿe por aqueles que *o fazer quiserem* comigo. (CGE750a,.36)
(7) – Sobrynhos, *dizer-vos quero* o que tenho por bem de fazer. (CGE372,.5)
(8) – *Matar-me podes*, se te apraz, que teu é ora o poder. (JAR111,.40)

Na verificação manual dos resultados, verificou-se ainda que alguns contextos de ocorrência de clíticos não podiam ser considerados por motivos vários. Apresentam-se, de seguida, esses contextos.

2.2. Dados excluídos

2.2.1. Grafia do editor

Foram excluídos deste estudo os casos em que o editor optou por grafar o pronome separadamente, como em (9)¹⁴, por se tratar de casos que envolvem opções de edição e não ser claro se o clítico pertence ao domínio superior ou ao domínio infinitivo, já que se encontra entre os dois verbos:

- (9) E, se o eu fiz, quero *vo-lo* correger a vossa vontade e segundo eu puder. (JAR89,.63)

Igualmente, os casos em que o editor (sobretudo na Crónica) optou por não grafar a mesóclise, deixando o verbo *haver* isolado, como em (10), também não foram considerados:

14. Os casos em que há evidência para considerar que o clítico se encontra naquele domínio específico por haver algum elemento a quebrar a adjacência entre o pronome e um dos verbos foram considerados. No exemplo seguinte, na linha de Martins (1994: 153), o clítico liga-se ao auxiliar uma vez que a negação que ocorre entre o clítico e o verbo infinitivo marca a fronteira de um domínio diferente:

E, quando Vespesiano isto ouviu, jurou que os queimaria todos se lhe não mostrassem donde era e eles disserão: – Queimar-nos podeis vós, mas *dar nom vo-lo podemos*, que nom sabemos dele nada. (JAR23,.17)

(10) Pero, pera vos ajudar, *ẽvyar-lho ey dizer*. (CGE631,.10)

2.2.2. Duplicação do clítico

Da mesma forma, os casos em que havia duplicação do pronome¹⁵, como se exemplifica em (11) e (12), também não foram considerados. Assim, o pronome está repetido nas duas posições possíveis: em (11), encontra-se junto ao verbo finito e também antes do verbo infinitivo; em (12), o pronome *o* também ocorre imediatamente antes do verbo e imediatamente a seguir.

(11) E começou-*hos* de *os* affaagar, dizendo que nõ ouvessem querella delle por a orta que dera ao Cide, (CGE604,.10)

(12) E, por *o* assesega-*lo*, disse que o queria casar. (CGE773,.6)

2.2.3. Casos de coordenação

No corpus, foram encontrados vários casos de coordenação (com elipse do verbo finito). Nem todos foram contabilizados para este estudo como a seguir se explicita¹⁶.

(13) ora é direito que dêis à Santa Igreja o que lhe prometeste, que *a devias acrescentar e enxaltar* por todo o mundo, (JAR38,.11)

(14) E o conde dom Árrique desafiou-ho pera lydar con elle, ca o *cuydou de vencer e lhe tomar* a terra. (CGE735,.9)

(15) quando vÿu Galuam que era morto, *começou* a fazer seu doo grande aa marauilha e *a doestar-sse e a maldizer-sse* muito. (DSG271,.2)

Como se pode verificar em (13), há apenas um verbo finito (*dever*) e dois verbos infinitivos (*acrescentar* e *enxaltar*). Havendo a elipse do verbo finito e como o pronome não é repetido junto ao segundo verbo, o que geralmente acontece em PA, optou-se por excluir estes exemplos.

15. Para o estudo deste fenómeno nos dialetos do português contemporâneo, veja-se Magro (2007).

16. Por sugestão de um revisor deste trabalho, os dados do tipo dos apresentados em (13)-(15) não foram contabilizados, ainda que, numa primeira versão deste trabalho o tenham sido. É por essa razão que é possível afirmar que a construção com coordenação de verbos infinitivos com o clítico a ocorrer também junto do segundo é mais frequente do que a construção ilustrada pelo exemplo (13) na qual o pronome, tal como o verbo finito, só ocorre uma vez. Há obviamente fatores (pronomes de natureza diferente, verbos com grelhas argumentais distintas) que contribuem para a frequência da primeira e que determinam que o clítico fique junto ao segundo verbo obrigatoriamente.

Em (14), os clíticos dos dois verbos infinitivos são diferentes: o do primeiro sobe e o do segundo tem de ficar necessariamente junto ao verbo infinitivo (porque há a elipse do verbo superior); no exemplo (15), há a coordenação de três verbos infinitivos, sendo que o primeiro não tem nenhum pronome clítico como argumento e os clíticos dos segundo e terceiro verbos ocorrem junto aos mesmos (note-se que a preposição *a* também ocorre junto de cada verbo coordenado). Em (14) e (15), devido à natureza do pronome e à grelha argumental do verbo infinitivo, o clítico ocorre sempre obrigatoriamente junto a este, já que, com a elipse do verbo superior a hipótese de subida não se põe. Por esta razão, estes casos foram descartados.

Contrariamente, quando a omissão do clítico no segundo verbo infinitivo não acontece, em casos em que os clíticos dos verbos infinitivos são iguais, assume-se que a subida não se dá (já que o pronome ocorre junto ao verbo infinitivo do qual depende), como em (16) e (17), e os exemplos foram considerados:

- (16) entendeu que se nõ *poderia* teer com el rey dom Sâcho nem *defender-sse* delle. (CGE360,.5)
 (17) E elles, quando esto vyrõ, de cada parte *me começarõ de* ameaçar e *fazer-me* muyto mal ã mynha terra quãto podyã. (CGE339,.12)

No exemplo (16), o clítico *se* sobe para o domínio superior¹⁷ e não ocorre junto ao primeiro verbo infinitivo mas ocorre junto ao segundo (*defender-sse*), o que acontece também em (17) (havendo, neste caso, a particularidade de não ocorrer também a preposição *de* junto ao segundo verbo infinitivo).

Assim, no âmbito deste estudo, apenas foram contabilizados exemplos do tipo de (16) e (17): casos em que os clíticos dos verbos infinitivos são da mesma natureza e não se encontram omissos (em contraste com (13)).

2.2.4. Verbos causativos e perçetivos

Os verbos causativos e os verbos perçetivos também podem estar envolvidos na formação de complexos verbais, aos quais se chamam União de Orações (ou Fazer-*Inf.*, cf. Kayne 1975 e, para o português, Gonçalves 1999). Mas, uma vez que levantam questões diferentes das dos outros verbos que também possibilitam a formação de outro tipo de predicados complexos (como a construção de reestruturação), não foram considerados para este estudo. Sendo igualmente possível a subida do pronome

17. Em PA, o clítico podia estar em posição pré-verbal sem ocorrer em adjacência ao verbo finito, como acontece em (16): entre o pronome *se* e o verbo finito (*poderia*) ocorre a partícula de negação (*nõ*). Sobre este fenómeno, conhecido na literatura como Interpolação, cf. Martins (1994) para o PA, e para o português europeu contemporâneo, cf. Magro (2007).

com estes verbos, as construções têm características diferentes das que serão analisadas no âmbito deste trabalho¹⁸. Assim, frases como as que se seguem foram retiradas:

(18) E o Cide deu entom a espada Collada a Marti Antoniiz e *mãdou-bos tornar* pera el rei. (CGE663,.9)

(19) E, quando ho eu vi, conheçi-o e *vi-o ffugir*. (DSG227,.15)

3. Os dados considerados

3.1. Complexos verbais

É sabido que o fenómeno de subida do clítico é um dos testes usados para a identificação dos predicados complexos (cf. para o português, Gonçalves 1999; Magro 2005; Barbosa et al. 2017). Quando a sequência de dois ou mais verbos tem coesão sintático-semântica há a formação de um predicado complexo. Seguindo Rizzi (1982), estes predicados complexos apresentam propriedades como:

- Subida do clítico
- Movimento longo de objeto
- Escolha do auxiliar nos tempos compostos

De acordo com o tipo de verbos, estes predicados complexos podem ser de dois tipos:

- i) Com verbos de controlo e elevação¹⁹: reestruturação
- ii) Com verbos causativos e percetivos: União de Orações

Dada a natureza do corpus, neste trabalho pretende-se apenas explorar os verbos que em PA permitiam a subida do pronome possibilitando assim a formação de predicados de reestruturação (já que os verbos causativos e percetivos foram excluídos). Magro (2005) assume que em alguns dialetos do português há mais verbos a permitirem a subida do clítico do que no português padrão. Será interessante verificar se neste corpus do PA há igualmente mais verbos do que atualmente a possibilitarem esse fenómeno (quer na variedade padrão quer dialetalmente).

18. Cf. nota 2.

19. Nem todos os verbos de controlo e de elevação permitem a subida do pronome para junto de si em PA e em português contemporâneo. De entre os verbos de controlo destaca-se o verbo *querer*; entre os verbos de elevação que permitem a construção estão os verbos semiauxiliares modais (*poder*, *dever* (*alde*)), aspetuais (*começar alde*), temporais (*vir*).

Em termos gerais, os valores de subida do clítico são bastante elevados, como é expectável. Também em termos de texto isoladamente, a não subida é residual: no Arimateia, há apenas 49 casos em 690; na Demanda, 21 em 1024; na Demanda, são 60 casos em 921. A seguir apresentam-se e comentam-se estes dados detalhadamente.

Na Tabela 1 estão os verbos que apresentam sempre subida de clítico.

verbo com subida	CL-V	V-CL	total
acabar de	2		2
aduzir a	1		1
ajudar a	3		3
cobiçar a	1		1
começar		4	4
convir	1		1
crer		1	1
cuidar	9	2	11
cuidar a	10	2	12
cumprir	1		1
deixar a	7		7
desejar a	10		10
entender de	1		1
haver	3	1	4
haver a	13	3	16
haver de	93	14	107
ir a	2	1	3
ousar	39		39
prometer	1	1	2
sair	1		1
soer	1		1
soer a	2		2
soer de	5		5
temer de	1		1
tolher de		1	1
TOTAL	207	30	237
%	87,3	12,7	100

Tabela 1. Verbos que apresentam sempre subida do clítico: próclise (CL-V) ou ênclise (V-CL) ao verbo finito

Se observarmos a tabela com atenção, verificamos que, independentemente da preposição que segue o verbo, são 20 os verbos que apresentam sempre subida do clítico e permitem, portanto, a formação de um complexo verbal já que em todas as ocorrências destes verbos no corpus o clítico está junto ao verbo finito seja em posição pré-verbal (próclise: 207 casos) ou pós-verbal (ênclise: 30 casos). Alguns destes verbos, como *acabar de*, *ir a*, *soer (al/de)*, estão já identificados em estudos anteriores (cf. Martins 1994; Fiéis & Madeira 2012) como verbos que permitem a subida do clítico. Há, contudo, na tabela outros verbos que, por exemplo, em português europeu contemporâneo (padrão e dialetal), bloqueiam a subida do clítico, como o verbo *sair*, mas que a permitem em PA (cf. (20)). Nos dados de Fiéis e Madeira (2012), as autoras elencam o verbo *prometer* como um verbo que não permite a elevação do clítico contrariamente ao verbo *esperar*²⁰. Os dados deste estudo parecem revelar outra tendência. Salienta-se também a subida com o verbo *convir* que se ilustra em (22):

(20) E, tanto que Nasção ouvio que sua molher *o saíra buscar*, mandou homes por todas partes que a fossem buscar. (JAR87,.67)

(21) De hoje mais, quero eu que tu recebas a honra que *te prometi dar* e saberás que é o sacramento da minha carne e do meu sangue, (JAR41,.30)

(22) Por a fonte que viste na montanha, onde *se convinhão lavar* todos os que a festa iam, deveis de entender a santa augua do bautismo, (JAR77,.85)

Outro aspeto importante sobre estes verbos é que, enquanto alguns permitem a subida independentemente da preposição (*soer*, *soer a*, *soer de* ou *cuidar*, *cuidar a*, ou ainda *haver*, *haver a*, *haver de*), há outros, como *começar* ou *ousar*, que se comportam de maneira diferente, de acordo com o elemento que introduz o verbo infinitivo²¹. Assim, com as preposições *a* (cf. (23) e (26)) e *de* (cf. (24) e (27)) o clítico nem sempre sobe mas quando a preposição não ocorre há sempre subida, seja com o verbo *começar* (cf. (25)), *ousar* (cf. (28)) ou *sair* (cf. (20) acima):

20. No corpus aqui considerado há apenas um exemplo com *esperar* e não apresenta subida do pronome:

E os del-rei Tolomer, ainda que, sem seu senhor, estavam considerando estarem em terra estranha e donde nom *esperavam sair-se*, defendiam mui bravamente, estando todos cercados dos del-rei Evalac. (JAR50,.100)

21. É a pensar nessas diferenças de comportamento que, neste trabalho, os verbos com diferentes preposições são sempre apresentados separadamente nas tabelas. Dependendo do verbo que as rege, as preposições podem aproximar-se mais de verdadeiras preposições ou de complementadores. Sobre o estatuto das preposições que introduzem orações infinitivas em português, ver Magro (2005) e Gonçalves et al. (2007).

- (23) E o caualeyro que lhe querya grã mal, que era muyto bõõ caualeyro d armas e sãõ e ligeyro, *começou a o trager* aa espada talhador hũa ora d aca e outra d ala, (DSG274,.5)
- (24) E elle, quando o vyo, *começou de o afaagar*; e o moço chorava muy forte-mente. (CGE733,.23)
- (25) E tanto que esto disse, *começou-se hir* assi de nocte como era e Galuam ficou na hermjda. (DSG140,.15)
- (26) Ca ja eu outra uez uy esta spada e nõ *ousey a proua-lla*. (DSG20,.11)
- (27) Mas ele soo é todo seu bem e os sostem e nunca se vio tal cousa, que nhum dos vossos nom *ousa de o esperar*. (JAR50,.12)
- (28) Mas, pero que se em esto acordarõ, nõ *ho ousarom cometer* por medo del rei. (CGE664,.10)

Com o verbo *ir*, o cenário é exatamente o oposto: assim, com *ir a*, há sempre subida e quando o verbo ocorre sem preposição pode ficar junto do verbo infinitivo, como ilustram os exemplos (29) e (30):

- (29) E el rei *se foy a sentar* na sua alta seeda. (DSG15,.4)
- (30) E Mauter, des que vio o mandado del-rei, houve grão prazer e *foi ferir-los* tam bravamente que os fez sair do campo quanto um tiro de besta. (JAR50,.14)

O caso do verbo *desejar* é ligeiramente diferente já que, de acordo com os dados extraídos destes textos, apresenta obrigatoriamente subida se a preposição for *a* mas não com *de*:

- (31) Mas por Deus, se uos sabedes u morou ata aqui, dizede-mo ca muyto *o deseio a ssaber*. (DSG707,.18)
- (32) Quando el-rey foy a ermida, o duque o seguio todo armado, com dous cavaleiros, como homem que *dezejava de se vingar*. (JAR119,.24)

Para além destes verbos listados na Tabela 1 com os quais a subida é perentória, foram encontrados outros verbos que não apresentam subida obrigatória, havendo a possibilidade de o clítico permanecer junto ao verbo infinitivo. Esses verbos estão elencados na Tabela 2, que indica os valores da subida e não subida²².

22. Os “outros” apresentados na Tabela dizem respeito aos casos exemplificados anteriormente (cf. exemplos (6)-(8)) em que não há necessariamente a ordem CL-V ou V-CL.

VERBO	sim					não				TOTAL
	CL-V	V-CL	outros	total	%	CL-Inf	Inf-CL	total	%	
começar a	16	36		52	94,5	1	2	3	5,5	55
começar de	6	20		26	35,6	45	2	47	64,4	73
cuidar de	6	7		13	48,1	13		13	51,9	26
deixar de	11			11	91,7	1		1	8,3	12
desejar	3			3	75		1	1	25	4
dever	66	3	1	70	95,9		3	3	4,1	73
dever a	27	9		36	97,3		1	1	2,7	37
dever de	34	2		36	97,3	1		1	2,7	37
ir	85	96		181	97,8		4	4	2,2	185
ousar a	5			5	83,3		1	1	16,7	6
ousar de	13			13	81,3	3		3	18,8	16
pensar de	1			1	16,7		5	5	83,3	6
poder	897	7	19	923	99,2		7	7	0,8	930
querer	622	89	12	723	98,5		11	11	1,5	734
saber	46	1		47	97,9		1	1	2,1	48
sair a	3	25		28	62,2	9	8	17	37,8	45
ter de	2			2	66,7	1		1	33,3	3
tornar a	7	2		9	90		1	1	10	10
trabalhar		1		1	50	1		1	50	2
vir	76	10		86	96,6		3	3	3,4	89
vir a	1			1	20	4		4	80	5
	1927	308	32	2267	94,6	79	50	129	5,4	2396

Tabela 2. Verbos que apresentam subida e não subida do clítico

Ainda que com alguns verbos a subida seja menos frequente (como *começar de*, *cuidar(-se) de*, *pensar de* e *vir a*), com a grande maioria destes verbos a subida do clítico é predominante (quase 95% das 2397 ocorrências). Seguem-se alguns exemplos que exemplificam a oscilação na colocação do clítico com o verbo *pensar* ((33) e (34)), *começar de* ((35) e (36)), *sair a* ((37) e (38)), *ter de* ((39) e (40)), *dever* ((41) e (42)), *poder* ((43) e (44)) e *querer* ((45) e (46)):

- (33) Soo nõ *no pensedes de vencer* nem curees de uos tomar có elle, ca bem ssabedes que lhe nõ poderedes durar nenhũa maneyra uos nõ caualleyro nenhũ que ora no mũdo aja. (DSG222,.14)

- (34) E, veendo ella como elle era en hidade pera aver molher, *pẽsou de o casar* con hũa filha de dom Filippe, rey d' Alemanha, que avya nome dona Beatriz. (CGE782,.7)
- (35) E *começaram-nos de ferir e derribar* tam mortalmente que a pouco de hora ficaram de mortos e feridos mais de duzentos na hoste. (JAR98,.8)
- (36) E *começou de muito lhe pesar* em seu coraçam da vontade que depois tivera e começou a pedir a Deos merce. (JAR64,.31)
- (37) E desí tornou-sse pera Vallẽça có muy grande riqueza e el rei *sayu-ho a receber* com grande honrra. (CGE582,.13)
- (38) E, quando o conde soube que viinhã, *sayu a recebe-llos*. (CGE378,.77)
- (39) “Rogo-vos que honredes bẽe o Salvador do mundo e esqueçades as imagens que nom tem poder de ajudar, antes *o tem de empencer*”. (JAR52,.55)
- (40) E el rei fora entã ouujr missa à see com gram conpanãa de caualeyro que maraujilha *terriades de os ueer*. (DSG08,.5)
- (41) E bem *no devês ver* por estas images que vós chamades Deos, que ele queimou. (JAR105,.120)
- (42) E como quer que ell erasse contra tỳ mui mas ca nõ *deueria perdoar-lhe*, sse tỳ prouguer. (DSG270,.9)
- (43) – *Matar-me podes*, se te apraz, que teu é ora o poder. (JAR111,.40)
- (44) Aquele que perdeo a vista e a fala *poderá* jamais *cobrá-la?* (JAR45,.18)
- (45) E esto digo eu por mÿe por aqueles que *o fazer quiserem* comigo. (CGE750a,.36)
- (46) ca ante eu *quero* có meus filhos *yr-me* pera terra de mouros que seermos vẽçudos ã cápo e ficarmos por aleyvosos. (CGE505,.15)
- (47) E vós *trabalhade-vos defender* com dereito. (CGE655,.21)
- (48) E os iffãtes, quando os assy virõ vïir, temerõ-sse delles e *trabalharom escusar-sse* delles com pallavras e disseron-lhe: (CGE643,.15)
- (49) E, se vejo o filho da arrenegada, *cuydo-lhe de dar* hũu tal golpe que me nõ ficara ã sella. (CGE379,.68)
- (50) E elles *cuidavam de lhe tolher* a terra, por que tragiam o menino consigo. (CGE735,.7)

Note-se que, como já foi referido anteriormente, os exemplos apresentados em (43) e (45) representam casos de subida do clítico: em (43), há a subida do verbo infinitivo e do clítico e, em (45), o verbo infinitivo está interpolado entre o clítico e o verbo finito, fenómeno comum em PA (cf. Martins 1994).

Observa-se também que com o verbo *começar*, a tendência para a subida do pronome é mais frequente com a preposição *a* do que com *de*.

Atente-se também nos exemplos (47) e (48) com *trabalhar*: sendo exemplos únicos e ambos da Crónica²³, eles manifestam padrões diferentes de colocação do

23. De facto, nestes textos encontra-se com mais frequência *trabalhar-se de*, que, como é expectável,

pronome: assim, em (47) o argumento do verbo *defender* está junto do verbo finito contrariamente ao que acontece em (48) com o argumento de *escusar*.

Os exemplos com *cuidar de* são mais abundantes e há 13 casos como o de (49) com o pronome a ocorrer junto ao verbo finito. No entanto, foram também encontrados exemplos em que o clítico permanece junto ao verbo infinitivo, como em (50).

Muitos dos contextos em que o clítico se mantém junto ao verbo infinitivo são contextos de coordenação, como os ilustrados em (16) e (17) e que aqui se repetem como (51) e (52):

(51) entendeu que se nõ *poderia* teer com el rey dom Sâcho nem *defender-sse* delle. (CGE360,.5)

(52) E elles, quando esto vyrõ, de cada parte me *começarõ de* ameaçar e *fazer-me* muyto mal ã mynha terra quãto podyã. (CGE339,.12)

Olhando apenas para os contextos em que a subida do clítico não aconteceu, a maioria dos exemplos tem uma preposição a introduzir o verbo infinitivo (98 em 129 exemplos). Nestes casos, é importante averiguar qual a preposição (*a* ou *de*) e qual a posição do pronome (se é pré ou pós-verbal). Na Tabela 3 estão apresentados esses dados, tendo em conta o texto, de forma a possibilitar uma comparação com os dados que serão analisados na próxima secção.

posição	ARIMATEIA		DEMANDA		CRÓNICA		TOTAL		total
	CL-Inf	Inf-CL	CL-Inf	Inf-CL	CL-Inf	Inf-CL	CL-Inf	Inf-CL	
a	1	0	1	6	12	7	14	13	27
de	37	0	4	0	28	2	69	2	71
total	38	0	5	6	40	9	83	15	98
%	100	0	45,5	54,5	81,6	18,4	84,7	15,3	

Tabela 3. Posição do pronome clítico em contexto de não subida

nunca apresenta subida do pronome para o domínio superior, uma vez que este já alberga o pronome do verbo finito:

E por esto *se trabalhou de os tirar* da çidade per arte. (CGE759,.10)

Tanto amou e tanto *se trabalhou de a enganar* que o diabo lhe apareço hoje faz tres dias, (JAR99,.93)

Nos exemplos (47) e (48), o verbo *trabalhar* não ocorre com o pronome nem com a preposição, verificando-se subida e não subida do clítico respetivamente.

No Arimateia, o único padrão possível é o clítico ocupar a posição pré-verbal seja com preposição *a* (apenas uma ocorrência) seja com *de* (37 casos). Contrariamente, na Demanda, que tem menos casos, a preferência é pela posição pós-verbal do clítico quando o infinitivo é introduzido pela preposição *a* mas pela posição pré-verbal quando se trata da preposição *de*, sendo o único texto que exhibe tendências opostas relativamente à posição do pronome com as preposições *a* e *de*. A Crónica segue a tendência do Arimateia sendo mais frequente a posição pré-verbal com ambas as preposições, ainda que com a preposição *a* a diferença não seja significativa.

Neste ponto, é pertinente mostrar alguns exemplos do pronome átono acusativo feminino (*a*) nas orações introduzidas pela preposição *a*, dada a proximidade fonética entre os dois elementos:

- (53) E, ellas hyndo assy fazendo seu chanto, *sairó a as receber* seus irmãaos, el rei dom Affonso e el rei dom Garcia, e o Cide Ruy Diaz e o códe de Cabra. (CGE469,.36)
- (54) E, ante que chegassem à vylla, *sayo a recebe-llas* dom Airas Gonçalvez e a ellas prougue muyto com elle e preguntará por el rei. (CGE469,.30)

Note-se que em (53) o clítico ocorre na posição pré-verbal, mostrando que foneticamente não há restrições para que o clítico possa estar junto à preposição. Em (54) apresenta-se um exemplo com os mesmos verbos e o mesmo clítico, ocorrendo este depois do verbo infinitivo.

Na secção seguinte, será descrita a colocação dos pronomes clíticos em contexto de oração de infinito preposicionado (simples e flexionado).

3.2. Orações infinitivas introduzidas por preposição

3.2.1. Infinitivo simples

O padrão de colocação dos pronomes clíticos em orações de infinitivo simples introduzidas por preposição é tratado nesta secção. Foram analisados 758 contextos de orações infinitivas introduzidas pelas seguintes preposições: *a*, *de*, *em*, *para*, *por*, *sem*. A Tabela 4 mostra os resultados encontrados no corpus, tendo em conta o texto e a preposição.

posição	ARIMATEIA		DEMANDA		CRÓNICA		TOTAL		total
	CL-Inf	Inf-CL	CL-Inf	Inf-CL	CL-Inf	Inf-CL	CL-Inf	Inf-CL	
a	1	0	2	3	3	4	6	7	13
%	100	0	40	60	42,9	57,1	46,2	53,8	
de	61	2	95	2	169	1	325	5	330
%	96,8	3,2	97,9	2,1	99,4	0,6	98,5	1,5	
em	7	0	8	0	25	0	40	0	40
%	100	0	100	0	100	0	100	0	
para	17	0	3	9	80	1	100	10	110
%	100	0	25	75	98,8	1,2	90,9	9,1	
por	57	1	97	8	88	1	242	10	252
%	98,3	1,7	92,4	7,6	98,9	1,1	96	4	
sem	7	0	1	4	1	0	9	4	13
%	100	0	20	80	100	0	69,2	30,8	
total	150	3	206	26	366	7	722	36	758
%	98	2	88,8	11,2	98,1	1,9	95,3	4,7	

Tabela 4. Orações de infinitivo simples introduzidas por preposição

Em termos gerais, pode verificar-se que há uma tendência quase generalizada para que o clítico esteja na posição pré-verbal nestas orações infinitivas introduzidas por preposição (em mais de 95% dos contextos). De seguida, descreve-se o comportamento com cada uma das preposições.

3.2.1.1. Introduzidas por *a*

Ao analisar as orações não finitas introduzidas pela preposição *a*, Martins (1994: 119-123) observa que até meados do século XIV há sempre ênclise e, a partir daí, o padrão encontrado é sempre próclise. Nos três textos em análise há apenas 13 orações não finitas com clíticos introduzidas por esta preposição: em seis casos o pronome está antes do infinitivo e nos restantes ocorre depois. Se no Arimateia há apenas um caso (e é de próclise (cf. (55))), na Demanda e na Crónica a ênclise é preferencial, ainda que com apenas mais um exemplo do que a próclise, mostrando variação no padrão de colocação do pronome. Alguns exemplos de ênclise podem estar relacionados com a pessoa/número do clítico que, no caso do pronome atónico acusativo feminino e singular, tem a mesma forma da preposição e, por isso, pode haver restrições fonéticas envolvidas (cf. (57) e (58)). Há, no entanto, outros exemplos em que um clítico da mesma natureza pode ocorrer antes (cf. (56)) ou depois do infinitivo (cf. (59)).

- (55) E, quando as gentes isto ouviram, foram mui ledos os que eram bautizados e os que nom eram correram mui presto *a o receber*. (JAR54,.40)
- (56) e que lhe pedyá que o costrangesse *a lhe conhecer* o senhorio e pagar o tributo como os outros reis. (CGE463,.6)
- (57) ouuerom sabor de saber o que uos en queredes saber e meteron-se *a busca-lla*, así como uos agora fazedes. (DSG97,.14)
- (58) ã tal guisa que visse algũña coussa das poridades do Santo Vasso, se he auentura que outorgada seja *a acaba-la* caualeiro peccador. (DSG370,.17)
- (59) Mas que, quando se elle nõ percuydar, que allo me achará consigo *a dar-lhe* batalha. (CGE637,.21)

Os dados dos textos literários mostram que quer na Demanda quer na Crónica há oscilação na colocação do clítico, embora a ordem preferencial pareça ser verbo-clítico; já o exemplo único do Arimateia é insuficiente para fazer generalizações ainda que se possa avançar que a próclise é possível. Esta é também a tendência observada anteriormente sobre a colocação do clítico em contexto de não subida com infinitivos preposicionados (cf. Tabela 3).

3.2.1.2. Introduzidas por *de*

A preposição *de* é a mais frequente a introduzir orações de infinitivo simples com clíticos, no total dos dados²⁴. O clítico ocupa predominantemente a posição pré-verbal, sendo apenas cinco os casos de ênclise, quatro em contexto de coordenação (cf. (60) e (61)). Há, no entanto, outros 10 casos de coordenação, em que o pronome ocupa a posição pré-verbal, ou seja, o padrão preferencial com esta preposição, como em (62) e (63).

- (60) E seria bem *de* o leuarmos áá eýgreya e *bautiza-lo*. (DSG278,.7)
- (61) Sabede que esse é aquele que a todo seu poder muyto ha que se trabalha *de* enganar o homem e *deita-lo* da direita carreira e da direita fee e *leva-lo* a perdiçam de corpo e d' alma. (JAR86,.26)
- (62) ja cavaleiro nom seria tão mortalmente ferido que, se houvesse lugar *de* ali chegar e *se untar* do sangue que do mumento saía suas chagas, que logo nom fosse são. (JAR119,.41)
- (63) E os mayores da villa ouveró seu consselho *de* lhe dar a villa e *o receber* por seu. (CGE559,.13)

24. Em termos de textos separadamente, apenas na Demanda não é a preposição que mais ocorre neste contexto, sendo ultrapassada unicamente por *por*.

Os dados com esta preposição confirmam a generalização feita por Martins (1994: 109) quando afirma que há, em todas as épocas, uma preferência pela posição pré-verbal do clítico. E isto acontece mesmo em casos de coordenação. Esta tendência também já foi anteriormente confirmada relativamente aos dados de não subida com a preposição *de* a introduzir o infinitivo.

3.2.1.3. Introduzidas por *em*

Contrariamente ao que acontece nos textos notariais (com poucos dados com a preposição *em* e com alguma oscilação no padrão de colocação do pronome átono), nos textos literários agora em análise, o clítico ocorre obrigatoriamente antes do infinitivo, não existindo nenhum caso de ênclise, mesmo quando há coordenação.

- (64) E, por a grande cortesyia que recebera do Cide *enno* soltar e *lhe dar* o seu, e vëedo outrossi os grandes feitos que fazia, teve por bem de casar seu filho, dô Sancho, có dona Sol. (CGE670,.7)

A generalização feita por Martins (1994) sobre a preposição *de* não se estende à preposição *em* nos textos notariais, uma vez que a autora dá exemplos em que há oscilação na colocação do clítico. No entanto, no que aos textos literários diz respeito, pode observar-se que com a preposição *em* a posição do clítico é pré-verbal em todos os textos do corpus.

3.2.1.4. Introduzidas por *para*

A posição dos clíticos nas orações não finitas introduzidas por *para* é maioritariamente antes do verbo, mesmo em casos de coordenação, ainda que com esta preposição seja também possível encontrar exemplos em que o clítico ocorre depois do verbo infinitivo.

- (65) E esto fazia ella porque cuidaua bem que vinha Gualaaz pos elles *pera lhes acorrer*. (DSG231,.12)
(66) E, en todo esto, el rey avya mandado que *lhe trouxessem* da montanha hũu touro muy bravo e que *lho deitassem pera o aver* de matar. (CGE381,.21)
(67) Entom tirou delle a lança *pera lhe dar* outra ferida e *o matar*. (CGE379,.97)
(68) E ergeo-sse contra elle mas nom *pera salua-llo* mas *pera fazer-lhe* mal e pensar, se podesse. (DSG176,.13)

Com a preposição *para* no século XIII e início do século XIV, a ordem era livre, de acordo com Martins (1994), no que se refere ao padrão de colocação de pronomes, estabilizando a partir da segunda metade do séc. XIV para a ordem clítico-verbo. O que os textos literários mostram é que no Arimateia a próclise é categórica e na Crónica é predominante (apenas com um exemplo de ênclise); na Demanda o padrão preferencial é a ênclise (cf. (68) acima), havendo alguns exemplos de próclise (cf. (65)).

3.2.1.5. Introduzidas por *por*

As orações com infinitivo simples e clíticos introduzidas por *por* são das mais frequentes no corpus, sendo mesmo as mais encontradas na Demanda. Também com esta preposição, a posição preferencial para o pronome é antes do verbo (representando cerca de 96% das ocorrências), havendo pontualmente alguns casos de ênclise (cf. (69) e (74)).

- (69) E por aqui entenderéis que *por guiar-vos* dos perigos do mundo veyo Nosso Senhor Jesu Cristo vestido de sinal de vergindade e humildade, (JAR106,.66)
- (70) – Por boa fee, disse ele, *por vos livrar e vos deitar* daqui fora vim eu a este lugar. (JAR85,.34)
- (71) E, quando a viu uĩr, marauillhou-sse e logo entendeo que era demo que lhe apareçera ã semelhança de donzella *pollo* ãganar e o *meter* ã pecado mortall. (DSG248,.18)
- (72) E esto por reverença de seu padre e *por lhe* non *seer* desobediente nem *lhe tornar* máaos iradas. (CGE780,.42)
- (73) Em outro dia, de grãde manhãa, foy o Cide ao paaço *por* veer el rei e *se spedyr* delle. (CGE662,.4)
- (74) E o mouro penssou que o fazia em desdem; mas fezeró-lhe entender que era *por honrra-lo*. (CGE667,.16)

Olhando para cada texto isoladamente, observa-se que o texto que apresenta mais oscilação é a Demanda (oito casos de ênclise em 105 exemplos), tendo o Arimateia e a Crónica apenas um exemplo com o pronome em posição pós-verbal (cf. (69) e (74) respetivamente).

3.2.1.6. Introduzidas por *sem*

Quando a oração de infinitivo simples é introduzida pela preposição *sem*, a preferência também é de o clítico vir antes do verbo, no caso do Arimateia e da Crónica

(a Crónica tem apenas uma ocorrência); nos exemplos da Demanda, o pronome vem quase sempre depois do verbo.

(75) E Nascião lhes perguntou por que o prenderam e o levavam assi *sem o merecer* e sem rezão. (JAR60,.18)

(76) E deixo-se jr a Lançalot *sen* nenhũa cousa *lhe* *dezer*. (DSG220,.11)

(77) E, pollo gram pesar que ende ouue, partio-se delles *sem espedir-xe-lhes*. (DSG348,.10)

Os exemplos com a ordem verbo-clítico não são expectáveis com esta preposição, já que, como assinala Martins (1994: 125), “dado o carácter de operador de negação predicativa desta preposição”, a próclise deveria ser a única opção possível. Os dados da Demanda mostram que também com esta preposição podia haver alguma oscilação.

Em suma, a posição pré-verbal é a preferencial nas orações de infinitivo simples introduzidas por preposição. Esta tendência mantém-se mesmo nos casos de coordenação: há 26 casos no corpus e apenas 4 apresentam o clítico em posição pós-verbal no segundo termo da coordenação (sempre com *de*). Dos 22 exemplos encontrados com próclise, 10 são com a preposição *de*, 2 com *em*, 1 com *para* e 9 com *por*. Não só a ênclise não é predominante nos casos de coordenação em termos gerais como também não é tendo em conta cada preposição individualmente. Assim, dos 36 casos de ênclise encontrados em orações de infinitivo simples preposicionado apenas quatro exemplos são em contexto de segundo termo de uma comparação (e sempre com *de*).

3.2.2. Infinitivo flexionado

Quanto à colocação dos pronomes clíticos em orações de infinitivo flexionado introduzidas por preposição, foram analisados 141 contextos de orações infinitivas introduzidas pelas seguintes preposições: *a*, *de*, *em*, *para*, *por*, *sem*.

	ARIMATEIA		DEMANDA		CRÓNICA		total
	CL-Inf	Inf-CL	CL-Inf	Inf-CL	CL-Inf	Inf-CL	
a	0	0	0	0	1	0	1
%	0	0	0	0	100	0	100
de	3	0	26	0	26	0	55
%	5,4	0	47,3	0	47,3	0	100
em	0	0	0	0	1	0	1
%	0	0	0	0	100	0	100
para	17	0	0	1	15	0	33
%	51,5	0	0	3	45,5	0	100
por	12	0	28	0	10	0	50
%	24	0	56	0	20	0	100
sem	1	0	0	0	0	0	1
%	100	0	0	0	0	0	100
total	33	0	54	1	52	0	141
%	23,4	0	38,3	0,7	37,6	0	100

Tabela 5. Orações de infinitivo flexionado introduzidas por preposição

A partir dos dados deste corpus, representados na tabela, uma generalização pode ser feita: em orações de infinitivo flexionado preposicionadas, o clítico ocorre obrigatoriamente antes do verbo.

- (78) E ella nos disse que se temya *de a descobrirmos* por que eramos muy moças. (CGE790,.24)
- (79) Desi e Galaaz fez como el rey lhe disi *por lho nõ terẽ* por orgulho (DSG389,.3)
- (80) Mas nom esteve ali muito, quando lhe vieram prender o filho *pera* com seu pai *o meterem* na prisam. (JAR68,.19)

Há, no entanto, um caso com o clítico em posição pós-verbal:

- (81) E quando a raña for iulgada à morte saca-la-an fora da uila *pera queymare-na*. (DSG637,.12)

Sendo um caso único, poderia ser desprovido de importância. Note-se, no entanto, que o exemplo é com a preposição *para* e é da Demanda. Este texto apresenta apenas este exemplo de infinitivo flexionado introduzido por esta preposição. Como já tinha sido observado anteriormente, mesmo nos casos de infinitivo simples, neste texto, o padrão preferencial com a preposição *para* é verbo-clítico.

4. Considerações finais

Os dados descritos anteriormente não demonstram diferenças significativas relativamente às conclusões que são conhecidas sobre a subida do clítico durante este período da língua (cf. Martins 1994; Fiéis e Madeira 2012). Assim, os dados deste corpus reforçam a generalização de que:

- i) a subida do clítico é um fenómeno abundantemente atestado em PA e é muito mais frequente do que a não subida;
- ii) há mais subida com a preposição *a* a introduzir o verbo infinitivo do que com a preposição *de*.

O facto de terem sido usados textos com anotação sintática possibilitou a extração automática e a análise de uma maior quantidade de dados. Por não se pesquisar por determinado verbo ou por tipo de verbo, os resultados revelaram verbos com os quais a subida do clítico era possível em PA (como o verbo *sair*, *sair a*)²⁵ mas que atualmente já não a permitem.

Na Tabela 6 estão representados os valores totais de subida e não subida, tendo em conta o texto.

	ARIMATEIA		DEMANDA		CRÓNICA		TOTAL		
	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não	
número	640	49	1003	20	861	60	2504	129	2633
%	92,9	7,1	98	2	93	7	95	5	100

Tabela 6. Valores de subida e não subida em cada texto

Em termos gerais, há 95% de subida do clítico. Dado o período em análise, estes valores não são surpreendentes, mostrando que era um fenómeno generalizado em PA que foi perdendo expressividade ao longo da história do português²⁶.

Se analisarmos cada texto individualmente, verifica-se que a Demanda (com 97,9%) apresenta mais subida do que o Arimateia e a Crónica (ambos com cerca de

25. Andrade (2010: 219-220) também elenca este verbo entre os verbos do português clássico que permitem a subida do pronome.

26. A construção de reestruturação em português clássico é analisada por Andrade (2009). Os valores apresentados para a primeira metade do século XVI sobre a subida do clítico são de quase 95% e para a segunda metade de 85%. Também num estudo recente sobre a subida do clítico no falar de Braga e de Lisboa, Barbosa *et al.* (2017) mostram que os níveis de subida em português europeu contemporâneo continuam a ser bastante elevados (77% de subida em Braga e 75% em Lisboa) mas inferiores aos do PA.

93%). Estes valores são bastante expressivos na medida em que colocam a cópia quincentista do Arimateia mais próxima da Crónica (um texto do século XIV) do que da cópia quatrocentista da Demanda que, apresentando valores mais altos na subida do clítico, se assemelha mais aos primeiros textos escritos em português. Uma vez que a cópia deste texto parece ser mais fiel ao original do que a cópia do Arimateia, na qual se assume explicitamente alguma modernização introduzida pelo(s) copista(s), a subida do clítico analisada neste trabalho vem sublinhar esse facto (cf. Martins 2013 para outras questões linguísticas das duas cópias), já que, como é sabido, este fenómeno era generalizado em PA e foi, posteriormente, perdendo domínio.

No que diz respeito às orações infinitivas não preposicionadas neste corpus do PA, este trabalho evidencia, em termos gerais, que:

- i) há uma tendência clara para próclise em orações de infinitivo simples preposicionado;
- ii) existe obrigatoriedade de próclise em orações de infinitivo flexionado preposicionado.

Olhando para a Tabela 7, verifica-se que o texto que exhibe mais oscilação é a Demanda, apresentando mesmo, com algumas preposições, preferência pela ordem verbo-clítico, como a Tabela 4 acima revelou. O Arimateia e a Crónica apresentam valores semelhantes, tal como acontece com os dados relativos à subida do clítico.

posição	ARIMATEIA		DEMANDA		CRÓNICA		TOTAL		
	CL-V	V-CL	CL-V	V-CL	CL-V	V-CL	CL-V	V-CL	
número	150	3	206	26	366	7	722	36	758
%	98	2	88,8	11,2	98,1	1,9	95,3	4,7	100

Tabela 7. Valores de próclise e ênclise em orações de infinitivo simples preposicionadas em cada texto

Em relação às orações de infinitivo simples preposicionadas é importante assinalar que:

1. os dados da Demanda revelam algum afastamento relativamente àquele que se tornará o padrão preferencial (próclise ao infinitivo) a partir de meados do século XIV (Martins 1994). Esse afastamento reflete-se concretamente em:
 - a) com a preposição *a*, a ênclise é predominante;

- b) variação com a preposição para, sendo a ênclise mais frequente;
 - c) mais oscilação com a preposição por na Demanda do que no Arimateia e na Crónica, que já evidenciam preferência pela colocação do pronome na posição pré-verbal;
 - d) com a preposição sem a ênclise, que é o padrão predominante, é surpreendente, já que, sendo uma preposição com valor negativo, esperar-se-ia que o clítico ocorresse em posição pré-verbal.
2. no Arimateia e na Crónica constata-se já alguma estabilidade no padrão de colocação dos pronomes clíticos nestes contextos, indiciando que se aproximam mais do português da segunda metade do século XIV.

Em suma, para além das questões relacionadas com a colocação dos pronomes clíticos nos contextos analisados (i.e. complexos verbais de reestruturação e orações de infinitivo preposicionado), este estudo também apresenta um contributo significativo, do ponto de vista filológico. Sendo o Arimateia e a Demanda cópias tardias de manuscritos do século XIII, os fenómenos inspecionados neste estudo apontam para graus diferentes de fidelização da cópia relativamente ao texto original: os dados da Demanda apresentam, de um modo geral, as propriedades descritas para os dados do período mais antigo da língua, como acontecia nos primeiros documentos notariais do século XIII, dando pistas para uma grande proximidade entre a cópia (quatrocentista) e o original (duocentista). Já a afinidade entre os dados da Crónica e do Arimateia aponta para um afastamento da cópia deste em relação ao original, colocando-o mais próximo do português dos séculos XIV-XV. Com este trabalho, fica claro que a intenção explícita do copista do Arimateia em modernizar algumas questões também transparece em aspetos sintáticos como na colocação do pronome clítico em alguns contextos.

Referências bibliográficas

- Andrade, Aroldo Leal de. 2009. A subida de clíticos em português clássico: descrição e implicações teóricas. Em Alexandra Fiéis e Maria Antónia Coutinho (eds.), *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. 81-95. Lisboa: APL.
- Andrade, Aroldo Leal de. 2010. *A subida de clíticos em português: um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX*. Universidade Estadual de Campinas. (Dissertação de doutoramento).
- Barbosa, Pilar, Maria da Conceição de Paiva e Kellen Cozine Martins. 2017. Clitic climbing in the speech of Braga and Lisbon. Em Pilar Barbosa, Maria da Conceição de Paiva e Celeste Rodrigues (eds.), *Studies on Variation in Portuguese*. 200-217. Amsterdam - Philadelphia: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/libll.14.08bar>
- Castro, Ivo. 1984. *Livro de José de Arimateia* (Estudo e Edição do COD. ANTT 643). Universidade de Lisboa. (Dissertação de doutoramento).
- Cintra, Luís Filipe Lindley. 1951-1961. *Crónica Geral de Espanha de 1344* [ed. crítica]. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- Fiéis, Alexandra e Ana Madeira. 2012. Predicados de controlo na diacronia do português. Em Alexandra Fiéis e Maria Antónia Coutinho (eds.), *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. 271-284. Lisboa: APL.
- Gonçalves, Anabela, Ernestina Carrilho e Sandra Pereira. 2016. Predicados complexos numa perspetiva comparada. Em Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. 523-557. Berlin - Boston: De Gruyter.
- Gonçalves, Anabela, Inês Duarte e Matilde Miguel. 2007. On the status of prepositions in infinitival verb complements. Em Pablo Cano López, Isabel Fernández, Miguel González, Grabiela Prego e Montserrat Souto (eds.), *Actas del VI Congreso de Lingüística General. Vol. II.A, Las lenguas y su estructura*. 1599-1608. Madrid: Arco-Libros.
- Gonçalves, Anabela. 1999. *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Universidade de Lisboa. (Dissertação de doutoramento).
- Kayne, Richard. 1975. *French Syntax: the transformational Cycle*. Cambridge MA: MIT Press (Trad. francesa, *Syntaxe du Français. Le Cycle transformationnel*. Paris: Éditions du Seuil, 1977).
- Magro, Catarina. 2005. Introdutores de orações infinitivas - o que diz a sintaxe dos clíticos. Em Inês Duarte e Inês Leiria (eds.), *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. 649-664. Lisboa: APL.
- Magro, Catarina. 2007. *Clíticos: variações sobre o tema*. Universidade de Lisboa. (Dissertação de doutoramento).
- Martins, Ana Maria. 1994. *Clíticos na História do Português*. Universidade de Lisboa. (Dissertação de doutoramento).
- Martins, Ana Maria. 2013. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. Em Rosario Álvarez, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo e Maria Ana Ramos (eds.), *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. 383-402. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Martins, Ana Maria. 2016a. Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa. Em Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. 1-39. Berlin / Boston: De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110368840-003>

- Martins, Ana Maria. 2016b. A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. Em Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. 401-430. Berlin - Boston: De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110368840-003>
- Mateus, Maria Helena Mira et al. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Miranda, Sílvia. 2013. *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344 (2a Parte)*. (Relatório Final de Estágio de Mestrado). http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9403/1/ulfl144050_tm.pdf
- Neto, Sílvio de A. Toledo. 2012-2015. *Transcrição / Edição da Demanda do Santo Graal*. (Manuscrito não publicado).
- Pereira, Sandra. 2012. *Protótipo de um glossário dos dialetos portugueses com informação sintática*. Universidade de Lisboa. (Dissertação de doutoramento).
- Rizzi, Luigi. 1982. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Wanner, Dieter. 1987. *The development of Romance Clitic Pronouns: from Latin to Old Romance*. Berlin - New York: Mouton de Gruyter.